

Quarta-feira, 28 de abril de 2021

Sobre a posse e o uso antiético dos restos mortais das crianças do MOVE e da família Africa: uma declaração coletiva da *Association of Black Anthropologists (ABA)* [Associação de Antropólogos Negres], da *Society of Black Archaeologists (SBA)* [Sociedade de Arqueólogos Negres] e do *Black in Bioanthropology Collective (BiBA)* [Coletivo Negres em Bioantropologia]

Em 13 de maio de 1985, após quase uma década de assédio e confronto implacável, a cidade de Filadélfia, nos Estados- Unidos, lançou duas bombas no telhado do número 6621 da Avenida Osage, o complexo da organização MOVE - um grupo revolucionário de pessoas negras opostas ao crescimento capitalista e comprometidas para a justiça ambiental e a harmonia interespecies. A bomba causou um incêndio que atingiu o complexo, incinerando 11 dos 13 membros do MOVE, incluindo cinco crianças de sete a 13 anos (Tree Africa (14), Netta Africa (12), Delisha Africa (12), Little Phil Africa (12), e Tomasa Africa (9)), e arrasou o bairro, destruindo pelo menos 61 casas.

Na semana passada, [vários meios de comunicação](#) revelaram a história perturbadora do que aconteceu com os restos mortais de uma (e talvez duas) das crianças vítimas do bombardeio. O que emergiu foi a perturbadora cumplicidade de antropólogos e instituições antropológicas. Dois antropólogos forenses, Alan Mann (na época, um professor da Universidade da Pensilvânia) e Janet Monge (na época, estudante de doutorado de Mann), foram contratados por funcionários da cidade de Filadélfia para identificar os restos mortais. Embora Mann e Monge não tenham conseguido fazer uma identificação positiva, a suposição é que os restos mortais pertenciam a Tree e Delisha Africa, respectivamente com 14 e 12 anos. Após a investigação, aparentemente Mann ou Monge mantiveram os restos mortais em sua posse pessoal, transferindo-os entre o Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pensilvânia e a Universidade de Princeton. Ainda na semana passada, os restos mortais eram o ponto focal do curso *Coursera* online da Universidade Princeton intitulado “*Real Bones: Adventures in Forensic Anthropology*” [Ossos reais: Aventuras em antropologia forense], ministrado por Monge. Cerca de 5.000 estudantes se matricularam. A Universidade Princeton alegou não saber a localização dos restos mortais; a Universidade de Pensilvânia mais tarde admitiu que eles estavam na posse de Mann e que ele os devolveria.

Os pais de Tree e Delisha não foram notificados da existência dos restos mortais, nem os restos mortais foram devolvidos. A família Africa acreditava que suas crianças tinham sido enterradas e não sabia que os ossos delas estavam sendo usados como amostras para o curso de antropologia forense. Mike Africa Jr., falando em nome da família, [lamentou](#): “Ninguém disse que você podia fazer isso, segurar os ossos delas para a câmera. Não é assim que tratamos nossos mortos. Isso vai além das palavras. A professora de antropologia está segurando os ossos de uma menina de 14 anos cuja mãe ainda está viva e de luto.”

A *Association of Black Anthropologists (ABA)* [Associação de Antropólogos Negres], a *Society of Black Archaeologists (SBA)* [Sociedade de Arqueólogos Negres] e o *Black in Bioanthropology Collective (BiBA)* [Coletivo Negres em Bioantropologia] estão dolorosamente cientes da história bárbara da antropologia; especialmente quando se trata de populações descendentes de pessoas africanas. Sabemos que nossa disciplina foi mobilizada para racionalizar a eugenia e a supremacia branca e para justificar a escravidão e o colonialismo. Também sabemos que museus etnográficos, tais como o Museu de Arqueologia e Antropologia de Penn (que abriga a [coleção](#) do notório racista Samuel Morton), apoiaram a justificativa acadêmica para a institucionalização do racismo em livros, cursos e currículos de antropologia.

É por causa dessa história de racismo na antropologia, e por causa das missões da ABA, SBA e BiBA para combatê-lo, que nós, como organizações, condenamos na linguagem mais forte

possível a Universidade da Pensilvânia, a Universidade Princeton, Coursera, juntamente com os professores Alan Mann e Janet Monge, por seu tratamento horrível aos restos mortais de Tree e Delisha Africa, e pela insondável crueldade e pelo desrespeito demonstrados para com a família Africa. Estamos indignados com a chocante indiferença ética demonstrada por todas as partes envolvidas em relação a Tree e Delisha e à família Africa, mas também pelo fato de que essas entidades efetivamente monetizaram os restos mortais de crianças negras assassinadas em um ataque terrorista de Estado - um fato tornado ainda mais doloroso devido ao aumento da consciência pública sobre os assassinatos brutais de crianças e jovens negros pela polícia nos últimos anos.

Além disso, esta revelação representa um lembrete doloroso da história da antropologia com os mortos negros - da qual o Museu Penn, enquanto a manifestação física do legado de Morton, fornece um símbolo poderoso. Mesmo que a Universidade da Pensilvânia no início deste ano tenha tentado lidar com o legado de Morton, enfrentamos mais uma afronta à vida e à dignidade das pessoas negras.

Antropólogos negres não deveriam estar sozinhas ao expressar essa indignação e suportar esse pesado fardo ético. Todos antropólogos deveriam estar furioses. Todos antropólogos precisam condenar esse ato bárbaro e selvagem cometido por seus próprios praticantes. E antropólogos brancos, em particular, não devem apenas se responsabilizar pelas maneiras como continuam a defender formas normalizadas de anti-negritude e de violência por meio de suas pesquisas e teorias, mas também devem trabalhar ativamente para desfazer os séculos de violência e traumas causados às comunidades não brancas.

Apoiamos e estamos republicando as demandas de Mike Africa, Jr., um membro da família MOVE que tinha 6 anos de idade na época em que a polícia da Filadélfia lançou a bomba no MOVE, atualmente divulgada na seguinte petição online:

<https://actionnetwork.org/petitions/move-children-deserve-to-rest-in-peace>

NÓS EXIGIMOS:

- **O retorno imediato dos restos mortais de Delisha Africa e Tree Africa para a família MOVE.**
- **Um pedido de desculpas imediato da Universidade da Pensilvânia, da Universidade Princeton, do Museu Penn e Coursera à família MOVE e à comunidade negra da Filadélfia por esse comportamento racista e repugnante.**
- **Reparações financeiras à Família MOVE pelos danos e traumas contínuos causados pela Universidade Princeton, pela Universidade da Pensilvânia, pelo Museu Penn e pelo Coursera, pelos lucros obtidos pelo uso de nossos parentes como ferramentas de ensino e objetos de pesquisa.**
- **A remoção imediata de todo o conteúdo online em que esses restos são usados, incluindo o curso online *Real Bones* ministrado por Janet Monge.**
- **A rescisão de Janet Monge de seu papel como curadora no Penn Museum e como docente no departamento de antropologia.**
- **A criação de uma investigação pública transparente liderada por uma pessoa investigadora aprovada pelo MOVE, e financiada pelas Universidades, sobre como estes restos foram parar na posse do Museu nos últimos 35 anos.**

Encorajamos todos a conferir a [Conferência de Imprensa do MOVE do 26 de abril](#), os documentários “[40 anos um prisioneiro](#)” e “[Bombardeio de Osage](#)” e o site oficial da Organização MOVE em <http://onamove.com>.

Percebemos que [as Universidades da Pensilvânia e Princeton não são as únicas universidades](#) envolvidas no tráfico de restos humanos de povos não brancos. E embora tanto o [Museu Penn](#) quanto o curso de [Antropologia de Princeton](#) tenham emitido declarações de arrependimento, acreditamos que eles devem fazer mais. Portanto, a *Association of Black Anthropologists (ABA)* [Associação de Antropólogos Negres], a *Society of Black Archaeologists (SBA)* [Sociedade de Arqueólogos Negres] e o *Black in Bioanthropology Collective (BiBA)*[Coletivo Negres em Bioantropologia] exigem, primeiro, que o Museu Penn auto-denuncie esta flagrante violação do código do IRB [Comitê de Ética Institucional]. Em segundo lugar, exigimos que a *American Anthropological Association (AAA)* [Associação Americana de Antropologia] trabalhe rapidamente para ajudar a facilitar a repatriação dos restos mortais das crianças da família Africa, bem como de outros restos mortais mantidos em muitos museus e departamentos de antropologia em todo o país. Isso inclui, sem estar limitado a eles, os numerosos restos mortais de povos afrodescendentes. Para esse fim, também solicitamos uma auditoria nacional de todos os restos mortais em coleções de museus e universidades. Acreditamos ser imperativo que essas informações se tornem registro público, permitindo que as comunidades descendentes reivindiquem a soberania sobre os restos mortais de seus ancestrais.

Ao chegarmos ao 36º aniversário do bombardeio sancionado pelo estado em 13 de maio, pedimos que você mantenha as famílias e amigos do MOVE em seus pensamentos, orações e ações. Continue a pressionar [o apelo](#) do MOVE pela liberdade de [Mumia Abu Jamal](#) e de todos os prisioneiros políticos!

E nos deixem enterrar nossos mortos.

Em solidariedade,

A Association of Black Anthropologists (ABA) [Associação de Antropólogos Negres]

A Society of Black Archaeologists (SBA) [Sociedade de Arqueólogos Negres]

O Black in Bioanthropology Collective (BiBA) [Coletivo Negres em Bioantropologia]